

Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e S/M (1)

Maria Filomena Gregori

Esse artigo trata de pornografia. Em particular, examina algumas de suas interfaces com o feminismo. Se essas foram práticas sociais tomadas, inicialmente, como expressões antagônicas, sobretudo, em cenários culturais atravessados pelo puritanismo, hoje assistimos a criação de um erotismo politicamente correto protagonizado por atores ligados à defesa das minorias sexuais. A discussão que se segue, além de situar o debate que envolve a emergência dessa nova face do erotismo, indica suas implicações mais imediatas: de um lado, o deslocamento do sentido de transgressão do erotismo para um significado cada vez mais associado ao cuidado saudável do corpo e para o fortalecimento do *self*, de outro, uma espécie de neutralização ou domesticação dos traços e conteúdos violentos envolvidos em práticas sado-masoquistas.

É sugestivo tomar de empréstimo – como um ponto de partida – a definição de pornografia (2) aceita e difundida entre os *experts* dedicados à caracterização desses materiais: expressões escritas ou visuais que apresentam, sob a forma realista, o comportamento genital ou sexual com a intenção deliberada de violar tabus morais e sociais (3). Essa noção da pornografia como transgressão a convenções morais sancionadas está presente em obras de autores, como Pietro Aretino, desde o século XVI e condensa, segundo os historiadores do tema, o sentido moderno desse tipo de representação (4). Ainda é limitado o exame dos efeitos dessa tradição no que concerne à problemática de gênero. E, mesmo que essa investigação não seja o objeto deste artigo, vale salientar que essa concepção do erotismo como transgressão às convenções morais é perpassada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo (5).

Essa singular representação que associa prazer a violar o "instituído" socialmente é, na minha hipótese geral, vigorosa ainda hoje e ilustra os casos tão diversificados de escolha e identidade sexual.

Mas, fica uma questão: trata-se de saber porque, nessa dissolução, cabe ao corpo "feminizado" o lugar da violação. Tal corpo pode ser o da mulher, mas também pode ser o do homem, desde que submetido a uma re-simbolização que o dote com sentido feminino. Esse aspecto do problema esteve em destaque em um debate acalorado nos Estados Unidos entre, de um lado, feministas que organizaram o movimento anti-pornografia e, de outro, feministas que se posicionaram como "anti-puritanas", abrindo novos campos de reflexão sobre minorias sexuais. Examinar a literatura que dá base a esse debate interessa, sobretudo, pela articulação proposta pelos interlocutores de cada um dos lados do embate entre violência e erotismo e cujas implicações são, no mínimo, intrigantes.

O final dos anos setenta representa um momento particularmente significativo na história do ativismo feminista americano cujos efeitos resultaram uma re-configuração do campo teórico (6). Em meio à ameaça da retomada da moralidade tradicional por intervenção da *New Right* (7), aparecem no cenário político feminista grupos com posições antagônicas. Em 1976 é criado o *Women Against Violence in Pornography and Media*, em 1979 o *Women Against Pornography*, e, em 1978, nasce o Samois (primeiro grupo lésbico sado-masoquista). Interessante notar que a reação ao moralismo de "direita" fez emergir, paradoxalmente, de um lado, um moralismo feminista anti-sexo protagonizado pelo movimento contra a pornografia – não menos normatizador do que a retórica que caracterizava a *New Right*. De outro lado, houve contraposição dentro da comunidade lésbica na tentativa de legitimar apostas e alternativas sexuais como o sado-masiquismo, desafiando a máxima de que jogos de dominação submissão apenas constituem as relações heterossexuais.

Os grupos anti-pornografia - que fazem parte do que os estudiosos do campo denominam como feminismo radical (Ferguson 1984) – eram compostos por mulheres identificadas com uma parcela da comunidade feminista lésbica que não apenas rejeitava o sexo heterossexual por uma questão de escolha sexual, mas como consequência de uma leitura particularmente determinística sobre a dinâmica de poder das relações heterossexuais. Catharine Mackinnon (8) – a autora considerada um dos avatares do feminismo radical – apresenta uma

análise das relações sexuais como sendo estruturadas pela subordinação de tal modo que os atos de dominação sexual constituem o significado social do “homem”, e a condição de submissão o significado social da “mulher”. Esse determinismo rígido, segundo Judith Butler ([1997](#)), traz, pelo menos, duas implicações: em primeiro lugar, a noção de que toda relação de poder é uma relação de dominação, toda relação de gênero, pois, só pode ser interpretada por esse crivo; implica também a justaposição da sexualidade ao gênero - entendido a partir de posições rígidas e simplificadas do poder - associando-o, sem maior exame, ao “homem” e à “mulher”. O feminismo radical hasteou sua bandeira contra instituições heterossexuais, como a pornografia, tomando-a como um exemplar da violência e do perigo contra as mulheres. Além da pornografia, o movimento definiu outros alvos: o sado-masiquismo, a prostituição, a pedofilia, a promiscuidade sexual. Importante assinalar a aliança desse movimento aos grupos feministas que atuavam contra a violência, causando impacto considerável na arena política e teórica do feminismo.

No início da década de oitenta, dada a imensa visibilidade pública do feminismo radical, vozes saídas do campo feminista, mas também da comunidade lésbica, ensaiaram o contra-ataque. Nelas avistamos toda a discussão travada pelas vertentes críticas ao essencialismo que caracterizava o discurso sobre a opressão desde a década de setenta. Uma confêrencia realizada no Bernard College em Nova York, em 1982, deu início a essas novas perspectivas, reunindo feministas heterossexuais e lésbicas que apoiavam e tomavam como objeto de reflexão as alternativas sexuais que implicam o prazer dos parceiros, inclusive, aquelas práticas que estavam sob alvo das feministas radicais. Os resultados da Conferência foram publicados por Carol Vance no livro [Pleasure and Danger](#). Esse livro representa um marco importante no campo, pois ele problematiza e recusa a associação da sexualidade aos modelos coercitivos de dominação, assim como, a articulação desses modelos a posições estáticas de gênero em um mapa totalizante da subordinação patriarcal. Vindo da tradição feminista em favor da liberdade sexual – que reuniu, além do ativismo, scholars de várias origens disciplinares – Carol Vance criou, a meu ver, uma “convenção” sobre o erotismo que

organiza parte considerável das atuações e reflexões do feminismo contemporâneo, assim como, ajudou a consolidar um novo campo de pensamento na crítica cultural – as Queer Theories (9). Tal “convenção” implica a idéia de que a liberdade sexual da mulher constitui prazer e perigo. Perigo na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, abuso e espancamento como fenômenos irrefutáveis envolvidas no exercício da sexualidade. Prazer porque há, no limite, uma promessa no erotismo e na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade quando tomada apenas como exercício de reprodução. Se essa “convenção” amplia, inegavelmente, a discussão sobre a problemática do prazer há ainda, em contrapartida, uma tendência a dissociar o prazer do perigo, tomando-os como resultados em separado sem examinar os nexos que estão articulando os dois termos assinalados. Essas novas perspectivas criaram, ao evitar cair no determinismo rígido e simplificador do feminismo radical, uma armadilha, quando não um artilho: uma ênfase em uma concepção de prazer cujo significado não foi inteiramente problematizado em termos sociais e históricos, resultando em uma aposta de que ele traz em si uma força liberadora, desde que submetido ao consentimento entre parceiros. O “lado” do perigo foi tratado de modo simples como se o consentimento, como um mero ato de vontade, garantisse sua tradução em prazer. Nessa transposição ou passagem, restou entre parêntesis o problema da violência. No sentido de esclarecer essas artimanhas no desenvolvimento da discussão feminista, voltemos ao debate.

Gayle Rubin afirma, em artigo que consta da coletânea de Carol Vance, que a relação entre o sexo e o feminismo sempre foi complexa. E o é pelo fato da sexualidade ser o nexo da relação entre gêneros e muito da opressão nascer, ser medida e se constituir a partir dela. Dessa complexidade, derivam as duas tendências já assinaladas: uma que concebe a liberação sexual como mera extensão dos privilégios masculinos - essa linha criou toda a retórica anti-pornográfica (10). Outra tendência é a de crítica às restrições do comportamento sexual das mulheres, ligada a todo o movimento de liberação sexual dos anos sessenta. Essa linha criou e tem produzido estudos e práticas

inovadoras relativas ao prazer e escolhas sexuais. A relevância do artigo “Thinking Sex” de Rubin, segundo [Judith Butler](#), se deve ao fato dela ali ter salientado que o feminismo não é o único discurso - ou o mais apropriado - a tratar das relações de poder formadas e reguladas pela sexualidade (11). Esse “feminismo” criticado por Rubin é aquele constituído pelas teorias de Catharine Mackinnon e, em particular, a noção de que a modelação, a direção e a expressão da sexualidade organizam a sociedade em dois sexos, mulher e homem. Para Rubin, as relações sexuais não podem ser reduzidas às posições de gênero. A inter-relação sexualidade-gênero não pode ser tomada pelo prisma da causalidade, nem ser fixada como necessária em todos os casos. Nesse sentido, ela passa a adotar uma posição de aliança com as minorias sexuais, distanciando-se do ativismo feminista radical e propõe uma nova conceituação. Nela, a autora apresenta elementos descritivos e teóricos para pensar a sexualidade e elabora a noção de que os atos, práticas e escolhas sexuais nas sociedades ocidentais modernas se realizam no interior de um sistema hierárquico de valorização sexual (“sexual value system”). Nele, a sexualidade considerada normal é a que se exercita em meio às relações heterossexuais firmadas em matrimônio, visando a reprodução. A esse padrão, seguem outras situações escalonadas na hierarquia valorativa, em posição decrescente: casais heterossexuais monogâmicos não casados; solteiros com vida sexual ativa; casais estáveis de gays e lésbicas; gays solteiros sem vida promíscua; gays solteiros com vida promíscua; fetichistas; S/M (sado-masoquistas); posições não masculinas ou femininas (travestis, drag queens etc); sexo pago; sexo inter-geracional (em particular, o que se dá entre adultos e menores de idade). Estes últimos comportamentos estão na base do sistema, condenados a uma desvalorização sistemática, quando não são – como no caso da pedofilia - objeto de punição judiciária.

Interessante notar que Rubin, nesse artigo, associa as diferentes práticas do seu sistema ao que chama de minorias sexuais. Um procedimento analítico que já associa a escolha sexual à constituição de identidades coletivas. Seja pela capacidade de segmentação tão característica da sociedade americana, seja pelo esforço da autora de dar legitimidade política aos praticantes do sexo

socialmente não valorizado, o fato é que, a partir desse marco, um novo campo de teorias se abre no cenário, trazendo novas e intrigantes contribuições. Intrigantes porque, ao examinar no detalhe a produção sobre sexualidade na década de 90 – principalmente nos Estados Unidos –, salta aos olhos a quantidade de estudos relativos às práticas sado-masoquistas, fetichistas etc entre pessoas do mesmo sexo.

Mesmo que Gayle Rubin tenha tentado deslocar a proeminência do feminismo como discursividade exclusiva a tratar da sexualidade e de deixar sugerido que é preciso garantir a flexibilidade de olhares para dar conta de um conjunto mais diverso de minorias sexuais, é de notar a visibilidade e a notoriedade que os escritos gays e lésbicos ganharam nas últimas duas décadas. Há o reconhecimento na bibliografia de que tais estudos não apenas colocaram a público um tratamento mais sistemático das realidades empíricas vividas por populações homossexuais, como trazem contribuições teóricas para pensar os efeitos mais fundos do modelo heterossexual. Em particular, chamo atenção para a discussão no campo feminista sobre sexualidades heterodoxas com uma clara tendência em dar ênfase aos fenômenos e práticas relativos ao campo do lesbianismo. De fato, boa parte dos escritos críticos e do debate teórico apresenta essas duas vertentes: a primeira delas trata a questão do desejo na linha da teoria da objetificação do corpo feminino - vertente que tem como exemplo as campanhas contra a pornografia; a segunda vertente critica a demonização da sexualidade pressuposta pela teoria da objetificação, porém, situa e circunscreve toda a discussão, tomando como ponto de partida e como ponto de chegada o desejo feminino presente em relações mulher/mulher.

Há uma clara delimitação do debate a esse conjunto de relações humanas. Relações que ainda supõem uma dose presumível de equidade. Como se para pensar sobre alternativas e perversões sexuais só fosse possível para relações cuja base de fundo pressupõe uma simetria. Como se por se tratarem de pessoas do mesmo sexo, o consentimento já fosse garantido de antemão e a violência e o perigo transpostos para a arena dos prazeres. Exagero na crítica ou não, há de fato nessa bibliografia um não tratamento do problema da

violência, ficando este restrito àquele campo do feminismo radical que procede a uma análise determinística e rígida.

Essa é uma hipótese que tenho construído, a partir não apenas da leitura do material bibliográfico sobre o tema, como também é resultante de pesquisa empírica junto a sex-shops de São Francisco e Berkeley. Parece haver uma espécie de duplicação entre essa tendência presente nos desenvolvimentos teóricos do feminismo – principalmente o das vertentes “pro-sex” ou “anti-objetificação” – e a abertura de um campo alternativo no mercado para o sexo. Nele, verifiquei toda uma série de tentativas que questionam o mercado convencional do sexo e uma promessa de um “erotismo politicamente correto”, cujo sentido seria o de transgredir restrições ao livre exercício da sexualidade. Se práticas sexuais qualificadas como violentas (S/M e alguns fetichismos) são condenadas nas relações heterossexuais, nos sex-shops para gays (lojas nas redondezas da Castro Street) e na Good Vibrations (sex-shop criado pelas lésbicas em 1975), elas ganham lugar, visibilidade, aceitação e acessórios.

Sex-Shops

A pesquisa exploratória realizada em alguns sex-shops de São Francisco e Berkeley representou oportunidade excepcional para a verificação, senão para o desenvolvimento de novas hipóteses relativas ao exame da bibliografia recente que articula teoricamente as questões da violência, do gênero e do erotismo. São Francisco é uma cidade que tem ganhado visibilidade internacional, desde a década de 70, como lugar de maior tolerância para o livre exercício de escolhas sexuais alternativas. Não só boa parte dos movimentos libertários teve ali uma de suas mais expoentes expressões, como parte considerável do pensamento crítico toma os casos empíricos oriundos da comunidade gay/lésbica como exemplares para a discussão.

Dentre as várias configurações possíveis de pesquisa, a escolha desse campo empírico se deu pela potencialidade que ele apresenta em permitir comparações. Salta aos olhos do especialista nesses temas, o fato de

encontrarmos nessa cidade experiências relativas a práticas eróticas bem pouco convencionais.

Sex-shops, locais de acesso comercial aos materiais eróticos, existem em boa parte dos centros urbanos contemporâneos. A grande maioria visa o público heterossexual, comercializando livros, vídeos, acessórios variados (vibradores, roupa íntima, óleos, bonecos infláveis) concernentes a um certo modelo do desejo que pressupõe o exercício de fantasias sexuais, violando - brincando, ou mesmo transgredindo - todo um conjunto de práticas e símbolos relativos à experiência sexual socialmente não condenável (heterossexual e visando a reprodução). Parte-se da noção de que em um comércio dessa natureza seja adequado encontrar materiais que acentuem - nas cores, nos formatos, nos objetos - certas violações ao instituído. Esse conjunto de elementos simbólicos é variável histórica, social e geograficamente, contudo, encontramos no mercado pornográfico um universo restrito de signos, muitos dos quais convencionados em relação a um estilo particular. Melhor dizendo: o comércio de objetos e acessórios sexuais corresponde a um estilo formado por convenções - que ainda que possam sofrer variações - nada têm de muito criativas. Muito couro preto, ligas de meia vermelhas, rendas artificiais, dildos (12) de tamanhos variados - com certa ênfase no tamanho avantajado -, imagens de corpos femininos com predominância do tipo ariano e loiro (preferencialmente, um loiro artificial) e seios firmes e enormes. Os corpos masculinos predominantemente são dotados de músculos e dá-se particular ênfase a órgãos sexuais imensos. Nos vídeos, há ênfase de combinações ou arranjos sexuais fora do comum, porém também encerrados em uma fronteira simbólica que visa, no limite, salientar certos aspectos que são observáveis naquilo que constitui as relações de gênero - corpos femininos (ou feminizados quando o suporte corporal é o do homem) são adornados para configurar o locus da penetração; corpos masculinos (e não há correspondência ou alternativa para a masculinização dos corpos de mulheres) são adornados para configurar o locus do corpo que penetra. O exercício da sexualidade entre corpos do mesmo sexo tem preponderância entre mulheres e seu sentido ainda

corresponde a uma mesma lógica: torna-se prática aceita e estimulante de um certo desejo voyer masculino.

Para além de uma simplificação de natureza militante, algumas feministas qualificam esses sex-shops e esses conteúdos e práticas como fazendo parte de um “modelo hidráulico” do desejo, ou melhor, o desejo como algo concebido numa relação corporal input/output. No que concerne à discussão que interessa no momento, esse modelo tem como pressuposto a noção de que a pornografia implica a contestação de modos habituais e sancionados de sexualidade e, mais importante, um modelo no qual a diferença sexual está baseada na incomensurabilidade e complementariedade entre, de um lado, o corpo que deseja e, de outro, o corpo que vai se constituído como objeto do desejo. Resta enfatizar que o primeiro está configurado, guardadas variações e arranjos simbólicos diversificados – dentro de um conjunto de sinais que demarcam simbolicamente o masculino; e o corpo que se posiciona como objeto do desejo por um conjunto de sinais que demarcam simbolicamente o feminino.

Os sex-shops pesquisados em São Francisco e Berkeley representam casos excepcionais e em crítica ou contraste aos sex-shops convencionais do mercado. Os estabelecimentos gays, não apenas visam um público não heterossexual, como apresentam produtos que enfatizam toda uma padronização ou uma configuração entre corpos e novas alternativas de desejo entre homens. O sex-shop das lésbicas também busca outros públicos, ainda que tenha uma proposta menos sectária. Há nele toda uma retórica e um conjunto de produtos que busca oferecer alternativas para casais heterossexuais, gays e lésbicas.

A primeira consideração importante sobre esses sex-shops é, pois, a construção de um mercado alternativo ao convencional. Todos os produtos e o conjunto de acessórios buscam constituir diferenças em relação ao padrão dos sex-shops. Há todo um esforço de diferenciação, criando uma espécie de mercado segmentado que contemple outras escolhas sexuais. Há, nesse sentido, um claro diálogo entre convenções. Se os sex-shops convencionais

ênfatizam nos corpos femininos, seios e cabelos loiros, nos gays e no lésbico não encontramos esse tipo de referente. Ainda que tenha realizado pesquisa em diversos sex-shops gays, irei concentrar a descrição e a análise no estabelecimento criado pelas lésbicas.

Boas Vibrações

Valencia é uma das ruas perpendiculares à Castro Street, mais conhecida pelos círculos locais como a rua das lésbicas. Seguindo a segmentação corrente, neste "pedaço" do Mission District, distribuem-se lojas e espaços de afirmação da cultura gay feminina e feminista. Além de estabelecimentos para tatuar e colocar "piercings" e de um prédio onde estão reunidas sedes de várias organizações em defesa dos direitos da mulher e de homossexuais, está a Good Vibrations. Sex-shop criado em 1977 por lésbicas sintonizadas com o feminismo e interessadas em expandir o universo de informações e alternativas de escolha sexual para um público mais diversificado (além de mulheres e gays, a loja visa também o público heterossexual).

Mais do que um entreposto de produtos sexuais, as idealizadoras do Good Vibrations consideram estar dando curso a uma missão. Elas partem da premissa de que há mais prazer sexual disponível do que experiências concretas e, em função disso, pretendem oferecer acesso a materiais que ajudem a expandir as experiências, melhorar o nível de informação sobre sexo, combater o medo, a ignorância, os preconceitos e a insegurança. Para aqueles que consideram que esse tipo de negócio não corresponde à agenda feminista, elas replicam: "we believe that honest communication about sex is a prerequisite to equal rights both in and out of the bedroom" (Good Vibrations 1994:1). Acreditam que os principais produtos a venda, os "sex toys", são revolucionários: "The idea that pleasure for pleasure's sake is sufficient motivation for sexual activity, and that no means of experiencing sexual pleasure is morally, aesthetically or romantically superior to another, is the subversive philosophy behind the enjoyment of sex toys." (Good Vibrations 1994:2). Os "sex toys" não foram concebidos com a perspectiva de ajudar ou solucionar problemas sexuais. Foram criados para divertir, por isso são

chamados de “toys”. Além disso, eles são acessíveis ao consumidor médio e são apresentados com informação cuidadosa para o consumidor. Um sex-shop politicamente correto, eis a melhor definição para o Good Vibrations. De certo modo, como já foi salientado, há uma tentativa clara de diferenciar esse tipo de negócio no interior do mercado sexual. Mais do que visar lucro, pretende-se legitimar escolhas mais diversificadas de exercício sexual, tentando não alimentar esteriótipos ou reforçar práticas que incorram em objetificação. Há, de fato, todo um cuidado em domesticar e neutralizar o sentido de violação que está envolvido no significado corrente de erotismo. No lugar da violação, esse tipo de loja introduz, através de todo o seu aparato de produtos e manuais, uma nova concepção que salienta o sentido de ginástica e de fortalecimento do self. Há um esforço claro de integração e não de subversão. Vejamos.

Primeiro impacto: pelo lado de fora, a loja está pintada com cores pastéis. Ainda que não se veja o interior - as portas e janelas são de vidro jateado - nada no exterior a diferencia de outras lojas circunvizinhas que vendem móveis, roupas e livros. Ao atravessarmos a porta, a primeira impressão se confirma: o espaço interno é claro e clean. As janelas trazem uma iluminação direta que é ainda mais reluzente em função das paredes amarelas. Prateleiras de madeira - e uma madeira bem clara - dividem o interior da loja em setores. Em todas as visitas, encontrei a loja repleta de gente: casais heterossexuais e homossexuais, muitos jovens, alguns com tatuagens e de roupa preta, outros bem discretos. Todo mundo de cara aberta e feliz, manipulando algum aparelhinho, cheirando algum incenso, vela ou bálsamo, folheando livros. O cheiro completa o cenário - um leve aroma de sândalo e alfazema tranqüiliza, conforta.

Por visar um público alternativo, mas que inclui a presença de mulheres, o feminino é, antes de tudo, matéria simbólica a ser valorizada. Porém, de modo particular: indo contra a tudo aquilo que conota o padrão do mercado convencional, a exposição de corpos de mulheres enfatiza aquilo que contraria qualquer artificialismo. Posters dispostos por todas as paredes mostram mulheres mais velhas - e a idade, antes de constituir objeto degradante, é cuidadosamente apresentado como algo natural; os corpos não são magros ou

gordos, tampouco eles são torneados por plásticas ou ginástica; axilas e pernas não são depiladas. Rugas, pelancas, pelos não são escondidos, antes, fazem parte de corpos que querem ser sexys. Há uma incorporação de uma estética claramente hippie, mas articulada a certos significantes que salientam a sensualidade e a sexualidade. Ali a tendência é a de tentar associar sensualidade a um corpo não artificial, dando a impressão de que se quer legitimar uma nova concepção de sensualidade em uma versão “politicamente correta”. Nada avilta ou limita – os jogos eróticos podem ser operados em uma lógica que, longe de “objetificar” o feminino, busca o conforto, a mulher comum, uma espécie de democratização das escolhas, ou melhor, da idéia de que o erotismo é possível e desejável para todos.

Chama atenção a organização dos elementos. Do lado esquerdo da loja, está disposta na parede uma infinidade de dildos de tamanhos e cores variados - liláses, azuis claros, rosinhas, vermelhos cintilantes... formatos para gostos diversos - uns mais grossos, outros de menor dimensão -, texturas que variam entre o látex e o silicone, alguns com o formato idêntico a um pênis, incluindo saco escrotal, outros lisos. Uns duros, outros moles. Logo acima deles, estão expostas cintas para que os dildos possam ser vestidos. Todos são coloridos, alguns feitos de tecido, outros de couro. Seguindo essa mesma parede, vão sendo apresentados outros materiais: há o lugar para os objetos ligados às práticas S/M (13)- chicotinhos de couro ou de plástico de cores variadas, roupas de couro ou látex pretas, argolas e algemas; o lugar dos óleos e bálsamos e lubrificantes; a prateleira dos vídeos.

No centro da loja, as prateleiras vão ajudando a organizar a disposição dos produtos. Nelas encontramos os livros classificados por tipo: livros de ficção erótica, manuais para práticas diversas (masturbação, sexo anal, sexo oral), livros de técnicas de massagem, livros de fotografia e livros diversos sobre como fazer sexo de modo seguro, incluindo livretos que explicam a diferença - vantagens e desvantagens - dos óleos e lubrificantes. Impressiona a variedade e a sofisticação da informação fornecida. Chama particular atenção a quantidade de manuais. Há como que uma tentativa explícita de ensinar técnicas de exercício sexual, com ilustrações e descrições pormenorizadas

sobre os movimentos corporais. Não existem muitas diferenças entre esses manuais e todos os seus dispositivos de apresentação das várias técnicas e os manuais de ginástica. Fontes de uma mesma tradição. A implicação mais imediata: nesses manuais há a concepção do corpo moldável pelas técnicas e dicas para o seu adequado desempenho só que, diferente dos de ginástica, neles existe a incorporação de técnicas para fruição sexual. O início de todos os manuais - sejam eles sobre as práticas S/M ou para masturbação e uso dos "sex toys" - apresenta um texto em que há a preocupação de tornar legítima a prática em questão. O intento deles é o de desinvestir o caráter transgressor dos exercícios, descaracterizar o caráter patológico e perverso dos agentes envolvidos e convidar os leitores a experimentarem essas formas de sexualidade. Todos eles enfatizam como essa expansão das fronteiras eróticas reforça a auto-estima das pessoas, libertando-as de preconceitos e estimulando a imaginação.

Outra prateleira expõe os vibradores. Os formatos são variados oscilando entre os fálicos (como os dildos) e uns imensos, com formatos parecidos com microfones ou "mixers" (aquele eletrodoméstico que mistura bebidas). Um deles parece uma furadeira elétrica, só que no lugar da broca está acoplada uma bola de textura confortável. A aproximação visual com eletrodomésticos parece exacerbar o sentido de tornar os exercícios sexuais prática rotineira e normal. Como se os seus designers estivessem sugerindo aos consumidores que deixem de lado as tarefas domésticas para investirem no próprio prazer. Ironia ou *boutade*, essa estética que sugere uma continuidade com aquilo que caracteriza as tarefas femininas do lar dá o que pensar. O que se assemelha ao microfone também é interessante. Como se a ausência da fala e da voz das mulheres no cenário público estivesse sendo elaborada criticamente, a partir de uma metáfora irônica, para salientar a ênfase em uma nova subjetividade caracterizada pela busca do prazer, da auto-estima, do divertimento.

Peças vistosas - dildos e vibradores. Ali dispostos perdem todo e qualquer caráter de violação. Intriga o fato de serem os elementos mais presentes, tanto no sentido quantitativo como no qualitativo - dada a exuberância de suas formas. Não é exagerado afirmar que eles são os "sex toys" preponderantes. O

que me faz pensar que nessa nova configuração do erotismo existe uma ênfase na “genitalidade”. Uma parte do corpo - os genitais – parece ser o objeto por excelência dessas sexualidades que se descortinam.

A fragmentação do corpo em partes tem sido tema de inúmeros estudos. Na maioria das análises, tal fenômeno corresponde à crescente objetificação do corpo como resultante da cultura de consumo e das práticas médicas ([Lyon e Barbalet 1994](#); [Csordas 1994](#)). Há também toda a vertente de estudos no interior das teorias feministas ([14](#)) que dá maior complexidade, a meu ver, às interpretações que denunciam a objetificação. Uma das vertentes teóricas do feminismo - aquela que contesta os binarismos mente/corpo, natureza/cultura e qualquer tipo de abordagem que resulta em essencializar ou substancializar - o corpo passa a ser considerado corporalidade, algo que adquire capacidade de ação ou "agency". Essas teorias estão sendo elaboradas por autoras que buscam entender o corpo vivido, como é representado e usado em situações culturais particulares. "Para elas, o corpo não é nem bruto, nem passivo, mas está entrelaçado a sistemas de significado, significação e representação e é constitutivo deles. Por um lado, é um corpo significante e significado; por outro, é um objeto de sistemas de coerção social, inscrição legal e trocas sexuais e econômicas" ([Grozs 2000:75](#)). Desconstruir a polaridade mente/corpo, uma das bases dessa teoria da corporalidade, implica para essas autoras: tomar a materialidade do corpo para além das inscrições definidas pelas leis e termos da física, ou seja, tomar a materialidade como uma continuidade da matéria orgânica; em seguida, não associar a corporalidade apenas a um sexo, como na nossa tradição cultural em que o corpo está associado à mulher, liberando os homens para os afazeres da mente; recusar modelos singulares e pensar a corporalidade no interior de um campo plural de alternativas, misturando sexo, classe, raça, idade numa plêiede de possibilidades de exercício e de representação. Enfim, trata-se de uma perspectiva que visa, ao evitar análises biologizantes ou essencialistas, ver o corpo como lugar ativo (não passivo e, portanto, produto e gerador) de inscrições e produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas ([Grozs 2000](#)).

Seguindo essas teorias, a ênfase na genitalidade - que me chama atenção nas alternativas simbólicas desse “erotismo politicamente correto” - deve ser interpretada de modo pouco linear. De um lado, há visivelmente uma neutralização daquelas inscrições que posicionam as corporalidades segundo sexo, raça, idade etc. Não se trata apenas de um procedimento que apaga ou põe entre parêntesis as posições sociais ocupadas pelos sujeitos que portam o genitais. Antes, trata-se de uma espécie de apagamento das inscrições de uma corporalidade em que o próprio desejo ou prazer possa ser elaborado a partir de outras superfícies ou articulado a outras partes do corpo ou dos corpos envolvidos. De certo modo, focalizar nos genitais as possibilidades de fruição tende a obliterar a diferença. De outro lado, é preciso considerar que, a exemplo da diversidade dos dildos e dos vibradores, essa nova erótica está permitindo pensar outra qualidade de diferenças, expandindo ou mesmo explodindo a relação entre um tipo de corpo (com um sexo, uma cor, uma idade etc.) e sua correspondente preferência de exercício sexual. Este é o lado para o qual essas alternativas criam novos horizontes para a reflexão teórica: não há correspondência entre a posição do sujeito em termos sociológicos, de gênero, racial e um tipo modelar de comportamento ou preferência sexual. O campo se alarga, ainda que a preço de uma fragmentação. Antes: a própria fragmentação é empregada como algo positivo, como uma re-significação que visa a expansão dos prazeres possíveis e a implosão de modelos ou da modelagem convencional do comportamento sexual.

Se há essa positividade aberta pela tendência de enfatizar os genitais nessas práticas, há também, como vimos a partir dos manuais de sexo, um caráter de funcionalidade pragmática que está ausente dos casos fornecidos por outros sex-shops. A todo instante no Good Vibrations o consumidor está diante de uma postura que celebra o sexo como fonte de prazer, divertimento e saúde - mental e corporal. Para alcançar esse objetivo, os produtos são apresentados com o pragmatismo de uma bula. “Comodification”, não há dúvida. Contudo, um tipo de mercantilização que traz associada uma tendência a fortalecer o self, permitindo um equilíbrio entre mente e corpo. Tais categorias não estão sendo negadas, antes, trata-se de promover alternativas para o seu

balanceamento funcional e adequado. Essa tendência fica ainda mais evidente se examinarmos a disposição na loja para os praticantes do sado-masochismo (S/M).

S/M

"In fact, S/M has nothing to do with coercion, either sexual or non sexual. The common denomination in all S/M play is not a violent exchange of pain but a consensual exchange of power" (Good Vibrations 1994:210)

Tal definição contesta as noções usuais sobre sado-masochismo, inclusive a conceituação presente no dicionário, que tomam a prática seja como uma perversão de ordem sexual, seja como algo que descreve uma dinâmica entre pessoas envolvidas em comportamento coercitivo ou abusivo. O contra-discurso fornecido acentua, ao contrário, que S/M é um jogo erótico de poder e não um abuso físico ou emocional. E re-conceitua essa alternativa em sintonia com os participantes de grupos organizados de S/M que preferem adotar outras expressões para designá-la: jogos dominação/submissão, sensualidade e "mutualidade", mágica sexual, sexo radical ou jogo de poder e confiança. Esses grupos têm o cuidado de, em suas palestras e workshops, divulgar a necessidade das práticas S/M se darem em meio a um contexto de segurança e estruturado a partir da negociação e comunicação entre as pessoas envolvidas: "The bottom line is, you can't dominate your partner unless he or she allows you to take control, and you can't submit to your partner unless he or she accepts control" (Good Vibrations 1994:211).

Na tentativa de legitimar o sado-masochismo como alternativa erótica aceitável, o caráter de violência que a ele está associado é substituído pela conotação de um jogo consensual entre parceiros que brincam com os conteúdos e exercícios ligados a posições de dominação e de submissão. Os chicotes coloridos e as cenas nos vídeos reforçam essa tendência. Tudo parece estar sendo cuidadosamente montado para encenar uma situação que simula a violência, mas que, simultaneamente, a afasta ou neutraliza. A dor não faz parte dessa encenação, assim como o subjugo real ou concreto. E

essa simulação vai sendo montada, a partir de fantasias sexuais. Trata-se, de fato, de encenações quase teatrais e privadas de duas naturezas distintas de fantasias: de um lado, as fantasias de ser dominado e subjugado por sequestradores, estupradores, às vezes, por “aliens”; de outro, aquelas que posicionam o sujeito no controle de uma relação com uma espécie de escravo amoroso.

No limite, há a tentativa de legitimar o S/M, pois acreditam e dizem explicitamente que o jogo de poder é central na nossa imaginação erótica. A noção que está por trás de tal afirmação é a de que o sexo entre duas pessoas raramente ocorre em meio a um patamar igualitário ou de satisfação mútua em um orgasmo simultâneo. É mais freqüente que cada parceiro reveze no controle das sensações do outro. Sem dúvida, essa é uma espécie de naturalização do erotismo. Como se ele fosse desencarnado de todo um mapeamento simbólico cuidadosamente tecido em meio a processos históricos e culturais.

Interessante notar também que os manuais S/M ou o capítulo sobre essa prática no manual do Good Vibrations apresentam, em contraste com os relativos a outras práticas, afirmações mais categóricas e toda uma caracterização detalhada sobre como definir quem está no controle e quem está submetido. Além disso, enfatizam a todo instante o fato de ser essa uma das expressões do sexo seguro. Além de dizerem, o que eu achei surpreendente, que assim como os “sex toys”, os jogos S/M não enfatizam o intercurso genital, os manuais aconselham as pessoas não ingerirem álcool ou drogas quando o praticam. Há todo um conjunto de normas que o potencial S/M deve seguir: identificar seus desejos e fantasias; encontrar o parceiro; negociar a cena; procurar o local adequado para encená-la; escolher a posição e os personagens; e cuidar da saúde e da segurança. Essa normatização está acentuada, pois, nos materiais relativos a esse campo da sexualidade.

Tenho a hipótese que o pragmatismo que recobre os “S/M plays” é resultante justamente da premência de torná-lo politicamente correto, afastando-o da violência.

Desse modo, ainda como uma conclusão descosturada, o silêncio sobre a violência na sua expressão prático-erótica mais contemporânea (nos S/M) revela algo que conduz à necessidade de tentarmos desenvolver ainda mais as nossas reflexões. As teorias e práticas feministas tiveram por mérito salientar o sentido da violência de gênero que configura as relações heterossexuais, incorrendo, por vezes, em reducionismos e na vitimização da mulher. Algumas vertentes, em crítica a esses reducionismos, criaram a posição *pro-sex*, ampliando, de modo muito rico, as possibilidades de pensar novas alternativas eróticas, inclusive, aquelas que ilustram ou se aproximam de um sentido violento. Elaboraram uma versão “politicamente correta” do erotismo, intrigante o suficiente para examinarmos alguns de seus efeitos paradoxais.

Em primeiro lugar, tentando o exercício de pensar o que se ganha e o que se perde com essa expressão “politicamente correta”, ganha-se com a ampliação do escopo de escolhas e práticas sexuais possíveis. Contudo, trata-se de uma ampliação que traz implícito um preço: o deslocamento do sentido da pornografia, perdendo sua conotação de obscenidade. De fato, noto uma substituição de significados. O “obsceno”, caro às expressões eróticas que se desenham em materiais desde o século XVI, está perdendo lugar para a noção da prática sexual como técnica corporal que visa o fortalecimento da auto-estima individual.

Em segundo lugar, como sugeri no correr da análise, o debate feminista sobre erotismo estabeleceu uma disjunção entre prazer e perigo, como se para garantir uma fruição politicamente aceitável, seja possível apagar a violência. Essa disjunção está ilustrada na proposta S/M na qual a simulação dos *plays*, por ser regrada na forma do consenso, estivesse garantindo o acesso a relações em que a violência não tem lugar. Ainda é necessário investigar até que ponto essa noção de consentimento como ato imediato da vontade não é por demais simplificada.

É preciso pensar mais sobre as implicações desse tipo de solução, tanto em termos teóricos, como nas suas conseqüências políticas. De fato, estamos diante de um quadro que ora reduz a violência a uma dicotomia entre vítima e

algoz; ora, para entender suas difíceis articulações com o prazer, a desloca para um outro campo semântico, impedindo que ela possa ser objeto de reflexão.

BIBLIOGRAFIA

ALLEN, J. (ed). 1990. *Lesbian Philosophies and Cultures*. Albany: State University of New York Press

BATAILLE, Georges. 1987. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM

BUTLER, Judith. 1990. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge.

BUTLER, Judith. 1997. Against Proper Objects. In: WEED, Elizabeth and SCHOR, Naomi, *Feminism Meets Queer Theory*. Indianapolis: Indiana University Press.

CORNELL, Drucila. 1988. *The Heart of Freedom: Feminism, Sex and Equality*. Princeton: Princeton University Press.

CSORDAS, Thomas J.(ed). 1996[1994]. *Embodiment and Experience: The Existencial Ground of Culture and Self*. Cambridge: Cambridge University Press.

FERGUNSON, Ann. 1984. *Sex War: the Debate between Radical and Libertarian Feminists*. Signs, vol 10, n. 11, autumn.

GALLOP, Jane. 1988. *Thinking Through the Body*. New York: Columbia University Press.

GIBSON, Pamela e Roma GIBSON (eds). 1994. *Dirty Looks – Women, Pornography, Power*. London: BFI Publishing.

GOW, Peter e HARVEY, Penelope (ed). 1994. *Sex and Violence - Issues in Representation and Experience*. New York: Routledge.

GREGORI, Maria Filomena. 1993. *Cenas e Queixas. Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista*. São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS.

GREGORI, Maria Filomena. 1999. Estudos de gênero no Brasil (comentário crítico). MICELI, S. (org) *O Que Ler nas Ciências Sociais Brasileiras (1970-1995)*. Vol. Sociologia. São Paulo: Sumaré/ANPOCS.

GREGORI, Maria Filomena e Adriana PISCITELLI. 2000. Apresentação dossiê Corporificando o Gênero. *Cadernos Pagu*, n. 14.

GREGORI, Maria Filomena. 2003. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, n.20.

GROZS, Elizabeth e PROBYN, Elspeth. 1995. *Sexy Bodies - The Strange Carnalities of Feminism*. New York: Routledge.

GROZS, Elizabeth. 2000. *Corpos reconfigurados*. Cadernos Pagu, n.14.

HANSSSEN, Beatrice. 2000. *Critique of Violence*. New York: Routledge.

HUNT, Lynn. 1993. *The Invention of Pornography: Obscenity and the Origins of Modernity, 1500-1800*. New York: Zone Books.

LINDEN, Robin R et alli. 1982. *Against Sadomasochism – a Radical Feminist Analysis*. Palo Alto: Frog In the Well.

MACKINNON, Catharine. 1980. *Feminism, Marxism, Method, and the State: an Agenda for Theory*. Signs, vol 7, n.3, spring.

McCLINTOCK, Anne. 2003. Couro imperial: raça, travestismo e o culto da domesticidade. *Cadernos Pagu*, n.20.

RUBIN, Gayle. 1984. Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality. In: VANCE, Carol (ed) *op cit*.

TURNER, Terence. 1996[1994]. *Bodies and Anti-Bodies: flesh and fetish in contemporary social theory*. CSORDAS, Thomas J. (ed). *Embodiment and Experience: the Existential Ground of Culture and Self*. Cambridge: Cambridge University Press

VALE DE ALMEIDA, Miguel (org). 1996. *Corpo Presente - treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta Editora.

VANCE, CAROL. 1984. *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*. (Ed) New York: Routledge.

WAGNER, Peter. 1988. *Eros Revived: Erótica of the Enlightenment in England and América*. London: Secker&Warburg.

NOTES

1 - Esse artigo é uma versão modificada do texto “Relações de violência e erotismo” publicado no *Cadernos Pagu* (20). Muitas das idéias aqui apresentadas são resultado de pesquisa realizada nos EUA com financiamento da Fapesp e de discussões com minhas colegas e amigas Adriana Piscitelli, Guita Debert, Heloísa Pontes, Iara Belleli, Mariza Corrêa e meus alunos do curso Violência, Gênero e Erotismo, disciplina ministrada no Doutorado de Ciências Sociais na área de Estudos de Gênero no primeiro semestre de 2003. A todos eles devo agradecimentos especiais.

2 - Ainda que o senso comum estabeleça uma distinção entre erotismo e pornografia, emprego os dois termos indistintamente, seguindo orientação dos estudiosos da tradição de escritos e imagens eróticas desde o Renascimento. Para maiores informações, consultar Lynn Hunt ([1993](#)).

3 - Esta definição é de Peter Wagner ([1988](#)).

4 - Segundo Lynn Hunt, o acompanhamento da tradição pornográfica, sobretudo nos séculos XVII e XVIII, revela aspectos fundos da consolidação da cultura moderna. Desde os sonetos do Ragonamenti de Aretino (1534-36), passando pela L'Ecole des filles (1655) até os escritos do Marques de Sade do

século XVII colocam em relevo o confronto entre o livre pensamento e a noção de heresia, tal como apropriam aspectos da filosofia natural e da ciência, questionam a política absolutista.

5 - O autor que condensa de modo cristalino essa noção é Georges Bataille em *O Erotismo*. Autor-guia exemplar para entender aspectos ainda presentes e que demandam uma problematização crítica no repertório da pornografia contemporânea, ele propõe o nexo entre violência e êxtase erótico, como violação de conteúdos instituídos socialmente, mantendo o dualismo entre atitude masculina/ativa e atitude feminina/passiva.

6 - Importante enfatizar que se é possível situarmos a emergência do movimento anti-pornografia dentre as fileiras feministas americanas, ele não esteve restrito aos Estados Unidos. Beatrice Hanssen no seu livro *Critique of Violence* ([2000](#)), ao discutir a relevância do debate entre feministas pró ou contra pornografia, mostra a sua difusão principalmente na Alemanha e na Áustria.

7 - A New Right foi um movimento organizado por políticos republicanos e lideranças religiosas a partir de uma agenda que priorizava questões sexuais. Dentre as demandas, medidas e tentativas de alteração de leis estavam a criminalização do aborto, o impedimento de extensão de direitos aos homossexuais, propostas variadas para que as mulheres deixassem de atuar na esfera pública, dedicando-se ao lar e à prole etc.

8 - Um dos seus artigos mais comentados é Mackinnon ([1980](#)).

9 - Queer Theories constitui campo vasto de estudiosos formados na tradição dos Gays and Lesbics Studies. Alguns comentadores costumam, inclusive, associar ou nomear indiferenciadamente os dois “campos”. Tratam-se de estudiosos que não só são gays e lésbicas, como tomam como objeto de investigação os aspectos da vida social relacionados a essa escolha ou condição. Um ótimo artigo a situar esses estudos e estudiosos em relação ao feminismo foi escrito por Judith Butler ([1997](#)).

10 - Fazendo uma blague, Rubin chama essa vertente de “demon sexology” e sugere que ela representa o que o movimento tem produzido de mais retrógrado do lado de cá do Vaticano.

11 - Esse tipo de formulação foi depois seguido por Drucilla Cornell, Bell hooks, Ann MacClintock, além da Carol Vance – estudiosas que enfatizam em contextos pós-coloniais e de Terceiro Mundo que o gênero não é mais central do que raça ou classe para os propósitos da análise sobre práticas sexuais.

12 - Objeto desenhado para ser inserido na vagina ou no ânus. Eles não vibram como os vibradores (peças do mesmo tipo e seguindo os mesmos modelos mas que têm baterias de modo a vibrarem quando acionados. Existem vibradores que não seguem uma formatação mais fálica - voltarei a esse ponto, a seguir). Os dildos, segundo material escrito encontrado na loja, são encontrados desde o paleolítico, passando pelos desenhos nos vasos da Grécia Antiga e mencionados nas comédias gregas clássicas.

13 - S/M é a abreviação das práticas chamadas de sado-masoquistas.

14 - Elizabeth Grosz ([2000](#)) em competente balanço teórico sobre corpo na tradição filosófica e pensamento feminista, diferencia três grupos de autoras: o feminismo igualitário, as teóricas que advogam o construcionismo social; e as que pensam a partir da diferença sexual. Este último grupo é constituído por autoras como Luce Irigaray, Helene Cixous, Gayatri Spivak, Jane Gallop, Judith Butler, Monique Wittig, entre outras. A vertente de pensadoras a que estou me referindo condiz com essa classificação.